#3

APINFO

Federação Nacional dos Apicultores de Portugal

informar para melhorar

abril | 2017

ENTREVISTA

«Abelhas saudáveis são mais importantes do que os subsídios da UE»

Walter Haefeker, presidente da Associação Europeia de Apicultores Profissionais (EPBA)

REPORTAGEM

Polinização é mais rentável do que o mel

De alérgico a abelhas a apicultor profissional

editorial

Apicultura cria valor ambiental e agrícola

A Apicultura é uma atividade de valorização ambiental e agrícola, que deve ser reconhecida pela Sociedade. É necessária uma maior consciencialização do poder político e governativo para a importância da Apicultura, e em particular para as suas especificidades de região para região.

O Apicultor é um agente de dinamização do meio rural e a sua atividade económica deve ser mais e melhor apoiada, tanto pelo papel inestimável que desempenha na fixação das populações ao mundo rural, como pelo contributo para a manutenção da biodiversidade e criação de valor à atividade agrícola, através da polinização realizada pelas abelhas melíferas.

O entrevistado desta edição da APINFO, Walter Haefeker, presidente da Associação Europeia de Apicultores Profissionais, sublinha que há uma crescente falta de polinizadores nas paisagens agrícolas na Europa, o que torna o serviço da polinização num negócio atrativo para os apicultores. No entanto, para que este modelo seja rentável, o apicultor tem que trazer do serviço de polinização prestado aos agricultores abelhas saudáveis e mel com qualidade para ser vendido.

António Rosendo, apicultor em Odemira com experiência no negócio da polinização, assegura que não existem consequências negativas para a produção, nem no sabor nem na cor do mel. No entanto, alerta que o serviço de polinização «tira capacidade» às abelhas, reduzindo a sua vida útil. Leia a reportagem nesta edição.

Outra novidade que lhe trazemos: um novo método para a análise do mel - Ressonância Magnética Nuclear (RMN) - que vai estar disponível online, prometendo pôr cobro às falsificações que penalizam o mel nacional e europeu.

No Consultório Técnico tire dúvidas sobre as recentes alterações legislativas à rotulagem de produtos apícolas.

Boa leitura!

índice

3 **CONSULTÓRIO TÉCNICO**
Nova legislação sobre rotulagem de produtos apícolas

5 **NOTÍCIAS**
XIII Jornadas Apícolas Regionais da Terra Quente

VII Seminário Apícola do Litoral Centro

7 **ENTREVISTA**
«Abelhas saudáveis são mais importantes do que os subsídios da UE», Walter Haefeker, presidente da Associação Europeia de Apicultores Profissionais

11 **REPORTAGEM**
Polinização é mais rentável do que o mel

De alérgico a abelhas a apicultor profissional

15 **ESPAÇO ASSOCIADOS**
APICAVE – Associação de Apicultores do Cávado e Ave

Cooperativa Agrícola da Ilha Terceira, CRL

20 **AGENDA**

consultório técnico

Com a publicação do Decreto-Lei n.º 26/2016 de 9 de junho, relativo à rotulagem dos géneros alimentícios, surgem algumas dúvidas relativamente ao produto mel, nomeadamente:

P: Mantém-se a obrigação de indicar no rótulo o lote a que pertence o mel?

R: Com a publicação do Decreto-Lei n.º 26/2016 de 9 de junho continua a ser obrigatório constar no rótulo dos géneros alimentícios a indicação que permita identificar o lote ao qual pertence o mesmo. A importância de indicar o lote deve-se à necessidade de proceder a ações de controlo da qualidade do género alimentício, bem como à necessidade de rastreabilidade em matéria de segurança alimentar.

Segundo o Artigo 10º do Decreto-Lei n.º 26/2016 de 9 de junho, o lote representa uma codificação dada a todas as unidades do alimento que tenha sido fabricado ou processado em idênticas condições pelo (i) produtor, (ii) fabricante ou acondicionador do género alimentício ou (iii) do primeiro vendedor na UE responsável pela introdução do género alimentício no mercado.

O mesmo diploma legal, no seu Artigo 9º, número 1, indica que um género alimentício apenas pode ser comercializado acompanhado de uma codificação "*(...) que permita identificar o conjunto de unidades de venda (...) produzido, fabricado ou acondicionado em circunstâncias praticamente idênticas*", ou seja, o lote.

A inscrição do lote no rótulo deve ser visível, legível e indelével, ou seja, não se poderá deteriorar, de forma a que o consumidor seja capaz de o identificar durante todo o período de vida útil do produto, incluindo depois de aberto.

P: Caso a data de validade inclua o dia, mês e ano, a indicação do lote fica dispensada?

R: Segundo o número 7 do Artigo 9º do Decreto-Lei n.º 26/2016 de 9 de junho, a indicação do lote pode não constar do rótulo "*se a data de durabilidade mencionar o dia e mês, por esta ordem e de forma clara e inequívoca*".

A data de durabilidade deve ser suficiente para a identificar o lote, caso contrário, não é bastante informação para garantir a rastreabilidade e assegurar o direito do consumidor à aquisição informada acerca da qualidade do produto.

Assim, para que a indicação do lote não conste no rótulo do mel, a data de durabilidade mínima deverá incluir o dia, o mês (e eventualmente o ano) e ser distinta entre diferentes lotes do mesmo operador. Neste caso a manutenção do registo de lotes é obrigatória e este deve estar inscrito no documento comercial de venda.

P: Sendo o mel um género alimentício com validade superior a 18 meses, quais as regras para indicar a validade no rótulo?

R: No rótulo do mel podem figurar três datas: (i) a data de produção, facultativa e que pode ser determinada pelo código de lote (por opção dos produtores, fabricantes ou embaladores); (ii) a data de durabilidade mínima e a (iii) data limite de consumo, ou seja, a data até à qual é garantido pelo operador que o género alimentício mantém as suas propriedades específicas nas condições de conservação apropriadas. As duas últimas são obrigatórias.

A data de durabilidade mínima aplica-se a produtos de longevidade maior e que se conservam por mais tempo, e deve constar sempre na embalagem e ter a seguinte designação: "*Consumir de preferência antes de...* ".

Para a aposição da data deve obedecer à seguinte regra:

- Nos produtos que duram menos de 3 meses: o dia e o mês...
- Nos produtos que duram entre 3 e 18 meses: o mês e o ano...
- Nos produtos que duram mais de 18 meses: é suficiente a menção do ano.

A data limite de consumo aplica-se nos géneros muito perecíveis e é representada pela inscrição: "Consumir até..." e é indicada sempre por o dia, o mês e eventualmente o ano, sempre por esta ordem e inscrita de forma clara.

Na realidade os produtos alimentares podem perder as suas propriedades específicas nas condições de conservação apropriadas, pelo que o operador é legalmente responsável por tomar ações no caso de perda de produto ou bem dentro do período de durabilidade mínima do alimento.

No caso específico do mel, não sendo este um produto muito perecível, deve ser inscrita a data de durabilidade mínima devidamente precedida pela expressão "Consumir de preferência antes de... " e por esta ser superior a 18 meses, basta a inscrição do ano.

Se a data incluir também o dia e o mês e se esta for distinta entre diferentes lotes do mesmo operador, pode substituir a inscrição do Lote no respetivo rótulo. Neste caso a manutenção do registo de Lotes é obrigatório e deve este ser inscrito no documento comercial.

P: A menção aos alérgenos e OGM é obrigatória no rótulo do mel?

R: Segundo o Regulamento (CE) n.º 1829/2003, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de setembro de 2003, relativo ao mel que contém pólen geneticamente modificado, este deverá ser considerado "um género alimentício parcialmente produzido a partir de OGM", na aceção da alínea c) do n.º 1 do artigo 3.º do Regulamento (CE) n.º 1829/2003, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de setembro de 2003.

A Diretiva 2001/110/CE e o Decreto-Lei nº 214/2003, de 18 de setembro, proíbe a adição intencional de pólen ao mel por parte dos operadores de empresas do setor alimentar.

No entanto, e de acordo com os dados disponíveis, o pólen adicional presente no mel pode advir do pólen presente na pelagem das abelhas, no ar dentro da colmeia e do pólen que as abelhas armazenam nos alvéolos e que é libertado em consequência da abertura acidental desses alvéolos durante a extração do mel, ou seja, a legislação considera que o pólen entra na colmeia em resultado da atividade das abelhas e está naturalmente presente no mel, independentemente de este ser ou não recolhido pelo apicultor.

Assim, e tendo em conta o caráter natural do mel e, em particular, a origem natural da presença no mel dos seus componentes específicos, o pólen, sendo um componente natural específico do mel, não deve ser considerado um ingrediente do mel, na aceção do Regulamento (UE) n.º 1169/2011, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 25 de outubro de 2011, relativo à prestação de informação aos consumidores sobre géneros alimentícios.

Por conseguinte, o mel que contém pólen geneticamente modificado está sujeito ao Regulamento (CE) n.º 1829/2003, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de setembro de 2003, em especial aos seus requisitos referentes à autorização prévia de colocação no mercado, à supervisão e, se aplicável, à rotulagem.

Atualmente os Organismos Geneticamente Modificados (OGM) autorizados na União Europeia são uma variedade de soja e uma variedade de milho.

Os alérgenos são também obrigatoriamente mencionados nos rótulos dos géneros alimentícios pré-embalados. São 14 os grupos de Alérgenos que devem ser mencionados na rotulagem dos géneros alimentícios:

1. Cereais (com glúten);
2. Crustáceos e produtos à base de crustáceos;
3. Ovos e produtos à base de ovos;
4. Peixes e produtos à base de peixe (excluindo a gelatina de peixe);
5. Amendoins e produtos à base de amendoins;
6. Soja e produtos à base de soja;
7. Leite e produtos à base de leite (incluindo a lactose);
8. Frutos de casca rija, ou à base de frutos de casca rija:
9. Aipo e produtos à base de aipo;
10. Mostarda e produtos à base de mostarda;
11. Sementes de sésamo e produtos à base de sementes de sésamo;
12. Tremoço e produtos à base de tremoço;
13. Moluscos e produtos à base de moluscos;
14. Dióxido de enxofre e Sulfitos (E220 e E228).

Considerando que não podem ser adicionados quaisquer produtos ou substâncias ou ingrediente ao Mel, incluindo aditivos alimentares (Anexo II – Decreto-Lei n.º 214/2003 de 18 de setembro) só deverá haver referência aos alérgenos nos rótulos de produtos em que o mel é ingrediente, por exemplo Mel com Nozes, ou outros frutos secos.

P: A declaração nutricional é obrigatória no rótulo do mel?

R: A menção à declaração nutricional não é obrigatória para os "produtos não transformados compostos por um único ingrediente ou categoria de ingredientes" (Regulamento (UE) nº 1169/2011 do Parlamento Europeu e do Conselho de 25 de outubro de 2011, número 3 do Artigo 16º e Anexo V), definição onde se enquadra o mel.

XIII Jornadas Apícolas Regionais da Terra Quente

Apicultores reunidos em Mirandela debatem o futuro da apicultura na região da Terra Quente e realçam a importância de reconhecer o Apicultor como agente de dinamização do meio rural e a Apicultura como uma atividade de valorização ambiental e agrícola.

A Cooperativa de Produtores de Mel da Terra Quente e Frutos Secos CRL e a Associação de Apicultores do Nordeste uniram-se na organização das XIII Jornadas Apícolas Regionais da Terra Quente, que decorreram em Mirandela, nos dias 20, 21 e 22 de janeiro. Este evento de periodicidade anual é bem demonstrativo da dinâmica que as organizações têm na fileira apícola, com especial relevância no que respeita à defesa e promoção de um produto certificado como é o Mel da Terra Quente, DOP.

Ao longo dos três dias das Jornadas Apícolas Regionais da Terra Quente, estiveram presentes cerca de 200 participantes de todo o país, entre técnicos, apicultores e outros operadores da fileira apícola, atraídos pela pertinência dos temas abordados, dos quais se destacam os seguintes:

- A Sanidade Apícola, concretamente as doenças presentes no efetivo nacional e respetivos métodos de luta, com especial enfoque nos admitidos no Modo de Produção Biológico, tendo sido feita uma demonstração de aplicação de um novo medicamento homologado contra a *Varroa destructor*, cuja principio ativo é o Ácido Oxálico;

- A Produção diferenciada de Mel da Terra Quente, DOP e de Pólen Apícola: a produção de mel DOP e a recente aposta na produção de pólen apícola estiveram em debate, sendo encarados como estratégicos pelas organizações de apicultores para o desenvolvimento de toda a Região. Estas pretendem incentivar os apicultores para a produção de mel monofloral de rosmaninho, mel DOP e pólen apícola;

- Rotulagem de produtos apícolas e defesa do consumidor: foram debatidas as recentes alterações legislativas e as suas consequências para os produtos apícolas, abordando a informação constante no rótulo da ótica do consumidor e a rotulagem como uma estratégia da proteção da produção apícola nacional.

Os trabalhos foram orientados pelos técnicos da Cooperativa e da Associação e contaram com a participação de dois oradores convidados: Helena Guedes, em representação da FNAP, e António G. Pajuelo, especialista espanhol de renome internacional.

O final dos trabalhos ficou marcado por uma mesa redonda alargada, a qual contou com apicultores representantes dos concelhos abrangidos pela Associação de Apicultores do Nordeste (Alijó, Carrazeda de Ansiães, Murça e Vila Nova de Foz Côa) e pela Cooperativa de Produtores de Mel da Terra Quente e Frutos Secos CRL (Mirandela, Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros, Torre de Moncorvo e Vila Flor), durante a qual se debateram as principais preocupações dos apicultores de cada concelho, com a finalidade de encontrar soluções para os desafios da apicultura na região. Assim, para os apicultores presentes, o sector apícola necessita de dedicar especial atenção às questões relacionadas com o ordenamento da atividade, com a comercialização e com a proteção da abelha autóctone, fortemente adaptada à região e que começa a demonstrar sinais de hibridação, decorrentes da importação de rainhas de outras proveniências. Sobretudo, é importante reconhecer o Apicultor como agente de dinamização do meio rural e a Apicultura como uma atividade de valorização ambi-ental e agrícola.

VII Seminário Apícola do Litoral Centro

Entre os temas de maior atualidade foi apresentado um novo acaricida à base de ácido oxálico para tratamento da Varroose e divulgada a recente colaboração entre com a Associação dos Apicultores do Litoral Centro e a VALORMED, entidade competente na recolha e tratamento de resíduos de medicamentos veterinários.

Realizou-se no passado dia 11 de março, na Mealhada, o VII Seminário de Apicultura, organizado pela Associação dos Apicultores do Litoral Centro. Este evento, que teve o apoio institucional da Câmara Municipal da Mealhada, contou com a participação de uma plateia diversificada de apicultores, dirigentes associativos e representantes das instituições locais e regionais com responsabilidades no setor apícola.

Durante a jornada de trabalho foram abordados assuntos relevantes para a prática de uma apicultura que se quer rentável e sustentável. Assim, foi dada a visão da FNAP e das suas congéneres europeias, acerca da evolução e situação atual da Apicultura na UE. Outras das temáticas abordadas pela FNAP prendeu-se com o mercado de mel, tendo sido feita uma atualização das atuais tendências do mercado nacional e mundial de mel, numa perspetiva de fomentar a organização da produção, como forma de valorizar o mel, com o objetivo de aumentar o rendimento dos apicultores. Com o intuito de incentivar a diversificação da produção apícola, e potenciar o seu impacto na rentabilidade da exploração, abordou-se a produção da Própolis e de Geleia Real.

A sanidade apícola também esteve em destaque, tendo sido feita a apresentação e demonstração de um novo acaricida para tratamento da Varroose, cujo princípio ativo é o ácido oxálico. Trata-se de uma alternativa aos princípios ativos já disponíveis no mercado, inclusivamente para os operadores em Modo de Produção Biológico, uma vez que se encontra homologado para este tipo de produção certificada.

A sustentabilidade ambiental da atividade apícola esteve também na ordem do dia, tendo sido divulgada a recente colaboração com a entidade competente na recolha e tratamento de resíduos de medicamentos veterinários, a VALORMED. Todos os presentes ficaram a conhecer a importância de entregar as embalagens usadas e os excipientes dos Medicamentos de Uso Veterinário, utilizados no combate à Varroa, no centro de receção localizado na sede da Associação, tendo os apicultores presentes sido informados dos malefícios ambientais de queimar ou deitar estes resíduos no lixo comum.

Terminaram-se as apresentações com o assunto que tem preocupado os apicultores, bem como os responsáveis da Proteção Civil e Bombeiros da região, a Vespa velutina. Com alguns casos já reportados e resolvidos por alguns dos municípios, a presença deste invasor esteve na ordem do dia entre todos os intervenientes, tendo sido um dos temas que mais questões suscitou.

Este evento contou ainda com a colaboração do Curso de Hotelaria da Escola Profissional da Mealhada que apresentou uma ementa apícola. A integração de mel e do pólen apícola na refeição servida aos participantes abriu o apetite para acompanhar a fotogaleria de um dos convidados, que nas suas viagens registou a apicultura em diferentes pontos do Mundo, o que nos deu a perspetiva de realidades apícolas diferentes daquela a que estamos habituados.

entrevista

«Abelhas saudáveis são mais importantes do que os subsídios da UE»

Walter Haefeker, presidente da Associação Europeia de Apicultores Profissionais (EPBA), revela que está para breve o lançamento de um novo método expedito para detetar falsificações do mel e alerta para a nova doença - *Aethina Tumida* – que ameaça a apicultura no sul de Itália.

Walter Haefeker, foi um dos oradores do XVII Fórum Nacional de Apicultura, realizado pela FNAP em 2016

Qual é a atual realidade do sector apicultura na Europa?

O setor na Europa é forte e tem vindo a ganhar importância junto da opinião pública, bem como por parte da Comissão Europeia e dos membros do Parlamento Europeu.

Como tem sido a evolução do número de apicultores na Europa nos últimos anos?

O número de apicultores está a crescer em toda a Europa, mas de forma diversa: no Sul estão a aparecer muitos novos apicultores, a maioria com explorações profissionais, enquanto no Norte e Centro da Europa assiste-se a um grande crescimento do nº de apicultores nas cidades. Mas estes novos apicultores têm poucas colmeias, o que criou uma oportunidade de negócio para os apicultores profissionais, os quais têm vindo a preencher a crescente lacuna na polinização na agricultura. Contudo, é preciso ter em conta que existem riscos adicionais para a saúde das abelhas e de contaminação dos produtos apícolas em áreas de agricultura intensiva.

O que se pode esperar da produção de mel na Europa nos próximos anos?

As alterações climáticas estão a fazer com que a produção de mel seja difícil de prever. E os apicultores estão a tentar adaptar as práticas da apicultura a esta nova realidade. A prática de transumância é uma das estratégias mais comummente utilizadas pelos apicultores para fazer face à incerteza das florações e do clima.

Como tem evoluído o consumo de mel?

O consumo de mel *per capita* na UE está estável, mas muitos países estão longe de garantir a sua autossuficiência. As importações são elevadas e nem todas cumprem a Diretiva da UE que regula a importação de mel. A China é o maior exportador mundial de mel, no entanto, a sua produção representa um grande risco para a reputação dos produtos apícolas em todo o mundo, devido aos seus métodos de produção. Estive em março de 2016 numa conferência na China e em vez de utilizarem termos como "explorações apícolas" falam em "fábricas de mel". Ao olharmos para o número de colónias existentes na China em relação aos dados do consumo de mel no mercado interno e da exportação de mel, o rendimento por colónia é astronómico, e isso só é possível através da introdução de xarope na sua composição. Por outro lado, cada vez mais vemos os compradores chineses a procurarem as qualidades do mel da Europa para depois o venderem no mercado chinês a uma classe média em crescimento, que prefere a qualidade e a segurança alimentar.

Colmeias na Reserva Natural de Shennongjia, na China

O que tem feito a EPBA para combater o mel falsificado?

Há um novo método para a análise do mel que vai estar disponível online. Chama-se Ressonância Magnética Nuclear (RMN) e envolve modelos estatísticos sofisticados e um grande número de amostras de mel como material de referência. Este método torna muito mais difícil falsear parâmetros específicos e é a nossa maior esperança de fazer progressos nesta questão crucial. É muito importante que as organizações de apicultores de cada Estado Membro da UE façam um esforço para fornecer amostras autênticas dos méis típicos da sua região. Além disso, estou a trabalhar com especialistas na construção de um modelo computacional do comércio global de mel e xarope usado na adulteração. Nesse modelo, as adulterações de grande escala aparecem como irregularidades. Há uns anos foi usada uma abordagem semelhante para descobrir a maior fraude na produção de azeite. Ao combinar um modelo macro com a análise de uma amostra de mel única, a vida dos *players* sem ética no mercado do mel, vai tornar-se bastante mais difícil.

«As alterações climáticas estão a fazer com que a produção de mel seja difícil de prever»

Além do mel, quais os produtos da colmeia mais promissores?

Na maioria dos países da UE, os outros produtos apícolas são nichos de mercado, talvez com exceção da cera vendida para o fabrico de velas, o que já é feito por muitos apicultores. Alguns países têm uma produção significativa de pólen, pelas ótimas condições de que dispõem. Contudo, nalgumas regiões, os apicultores desistiram deste segmento, após análises polínicas terem mostrado elevada contaminação por pesticidas. Já a produção de geleia real é um nicho de mercado dominado pela China, embora o projeto da UE Apifresh mostre que há uma grande oportunidade para produzir geleia real de qualidade superior na Europa. A própolis é também um produto com alguma importância, mas há obstáculos normativos em certos países, onde a própolis é vista como um produto farmacêutico e, como tal, é ilegal ser vendida pelos apicultores. Alguns apicultores estão a encontrar usos criativos para as colmeias e produtos apícolas: temos os que usam o ar da colmeia em apiterapia e outros que usam os favos de mel antigos para produzir larvas de cera que são depois usadas pelos pescadores como isco.

Acredita que a venda de abelhas para polinização pode ser um negócio com futuro?

Sim. Vários estudos têm demostrado que há uma crescente falta de polinizadores nas paisagens agrícolas. Devido à grande procura por mel e ao seu elevado preço, a polinização pode ser fornecida a um preço mais baixo, quando comparado com o preço da polinização nos EUA. Para este modelo ser rentável, o apicultor tem que trazer do serviço de polinização prestado aos agricultores abelhas saudáveis e mel com qualidade para ser vendido. Isso exige uma cooperação estreita entre agricultor e apicultor, especialmente no que diz respeito ao calendário de aplicação dos pesticidas e à atividade de corte das culturas. Em áreas onde o agricultor cultiva grandes parcelas, isso é relativamente simples. Devido à necessidade de grande variedade de pastoreio para as abelhas, torna-se mais complicado em regiões onde as parcelas são pequenas e os agricultores vizinhos têm que ser parte do acordo.

China- é o maior exportador mundial de mel, mas cada vez mais os compradores chineses procuram mel de qualidade na Europa

Há um declínio global na população de abelhas. Como está a Europa em comparação com outras regiões?

Ao discutir esta questão é importante distinguir as abelhas e os outros polinizadores. Os apicultores estão a assegurar a população de abelhas melíferas, fazendo esforços para reconstruir o número de colónias depois de sofrerem perdas. Mas há limites para a capacidade dos apicultores e estas operações têm um forte impacto na sua viabilidade comercial. Graças aos esforços dos apicultores, a população de abelhas melíferas está mais estável do que as populações de outras espécies de abelhas. Além disso, na Europa a proibição parcial de alguns inseticidas particularmente prejudicais para as abelhas estabilizou estas perdas, enquanto que noutras partes do mundo estas proibições falharam.

Que ações devem ser implementadas para reverter o declínio da população de abelhas?

Não apenas por causa das nossas abelhas melíferas, precisamos adotar mais técnicas agrícolas 'amigas das abelhas'. Isto não é apenas sobre pesticidas, mas também sobre o corte de culturas e as utilizações da terra. A longo prazo, estou otimista de que essas mudanças irão acontecer, porque a tecnologia permitirá criar novos métodos de cultivo. No último século, nós adaptamos a paisagem agrícola às necessidades da maquinaria de maiores dimensões. A máquina grande e cara para a monocultura era o modelo. Mas a tecnologia digital criará um segundo modelo de pequenas máquinas inteligentes adaptadas às culturas e à paisagem. Os equipamentos de agricultura de precisão irão substituir a proteção química das plantas, o que permitirá que as grandes produções de monoculturas se tornem no modelo mais eficiente da produção de alimentos. Isto irá permitir que os métodos de agricultura 'amigos das abelhas' sejam adotados.

Como está a Varroose na Europa e que países estão a ter mais dificuldade em combater esta doença?

A Varroose continua a ser uma doença importante em toda a Europa. A maior dificuldade geralmente ocorre quando a doença é nova para uma região e os apicultores ainda não aprenderam como controlá-la. Nalguns países, os apicultores têm recorrido a produtos químicos por muito tempo e passam pelos mesmos problemas de resistência com que se deparam os agricultores ao utilizarem os pesticidas. O tratamento com produtos biológicos exige mais formação dos apicultores, mas, por outro lado, não sofrem com problemas de resistência, nem com problemas provenientes dos resíduos de pesticidas. É necessário mais trabalho para otimizar estes tratamentos e adaptá-los a diferentes condições climáticas. Devido às alterações climáticas, os tratamentos da Varroose que dependem da paragem da criação de Inverno estão a ter problemas. Novas abordagens como o isolamento da rainha, a remoção da criação ou a hibernação em instalações refrigeradas estão a ser testadas.

«Precisamos desenvolver mais métodos agrícolas 'amigos das abelhas'»

E quanto à *Vespa velutina*. Os apicultores terão que viver irremediavelmente com ela ou já há soluções de combate eficazes?

Em algumas regiões os apicultores já aprenderam a viver com ela. A sua erradicação completa é impossível, pelo que neste aspeto é muito parecida com a Varroose. As várias medidas adotadas estão a tentar controlar a população da *Vespa velutina* sem prejudicar as espécies endémicas. Mas sem dúvida que não é uma tarefa fácil.

Aethina túmida- este pequeno escaravelho está a ameaçar a apicultura no Sul de Itália

E existe alguma outra ameaça sanitária para as abelhas?

Estão ainda a fazer-se esforços para conter o foco de *Aethina tumida* que surgiu em colmeias do sul de Itália. As medidas draconianas necessárias para tentar proteger a apicultura no resto da Europa são uma questão existencial para os apicultores daquela região. Não estou seguro que os apicultores estejam plenamente conscientes do quão difícil é a situação dos seus colegas na Calábria e na Sicília. Devemos fazer mais para apoiar os nossos colegas, que estão a sofrer, porque as autoridades veterinárias estão a trabalhar arduamente para impedir que esta doença se torne mais um problema para todos nós.

E a que se devem essas novas ameaças?

O comércio global está a causar cada vez mais eventos com espécies invasoras que afetam não só a apicultura. Aqueles que lucram com este comércio parecem nunca ter de pagar o custo que causam à sociedade como resultado das suas práticas de transporte descuidado. Além disso, como resultado do aparecimento destas espécies invasoras que atacam culturas agrícolas, povoamentos florestais e agora também as abelhas, verifica-se um aumento do uso de produtos químicos numa tentativa de controlá-las. A apicultura sofre não só porque as espécies invasoras são novas ameaças para as abelhas, mas também pelas consequências da chegada de quaisquer outras espécies. Este é mais um exemplo, por que a supremacia do 'livre comércio' no nosso atual sistema político precisa ser questionada.

O que espera da PAC pós-2020 em termos de proteção das abelhas e apoio financeiro à apicultura?

Sinceramente não espero aumentos significativos no orçamento da UE para a apicultura. A chave para melhorar a situação das abelhas é como o dinheiro é gasto na agricultura. Os agricultores querem produzir de forma mais 'amiga das abelhas', mas tem que ser rentável para eles. A agricultura está longe de ser um mercado livre. As regras são definidas pelos interesses de poderosos *lobbies*, que fazem dinheiro pela venda aos agricultores de sementes, fertilizantes, pesticidas e equipamentos e depois, pela compra de *commodities* a preço baixo. Este sistema não funciona para os agricultores. A agricultura familiar está a desaparecer mais rápido do que as abelhas. Precisamos trabalhar para que a PAC reflita os interesses dos cidadãos que são quem paga o orçamento agrícola, por isso, estou otimista que a PAC pós-2020 irá beneficiar o nosso sector.

As abelhas saudáveis são mais importantes para a apicultura do que os subsídios da UE. Na verdade, este é o exato raciocínio por trás do original *greening* proposto pelo ex-Comissário da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, Dacian Ciolos. O seu chefe de gabinete explicou-nos há alguns anos que o motivo número um para propor a política do *greening* não era o ambiente. O objetivo era manter o orçamento agrícola da UE no nível atual. Os burocratas estavam com medo que a opinião pública na Europa se revoltasse contra os gastos continuados em práticas agrícolas que não apoiam.

«A chave para melhorar a situação das abelhas é como o dinheiro é gasto na agricultura»

Própolis- é um produto da colmeia com alguma importância, mas há obstáculos normativos à sua venda pelo apicultores em certos países

reportagem

De alérgico a abelhas a apicultor profissional

Em 7 anos, João Guilherme Neto passou de 30 para 300 colmeias e hoje produz mel biológico. A médio prazo, pensa apostar noutros produtos apícolas, como o pólen e o pão de abelha, e fazer da multiplicação de enxames um negócio.

«Enquanto apicultor e produtor de mel biológico não recebo qualquer ajuda», João Guilherme Neto, apicultor na Serra de São Mamede, Portalegre

Foi durante a licenciatura em Engenharia Zootécnica na Universidade de Évora que João Guilherme Neto se deparou pela primeira vez com o mundo da apicultura e ficou «fascinado». A partir dessa data, não mais parou a sua ligação às abelhas, chegando mesmo a fazer um programa de dessensibilização para solucionar a alergia à picada das abelhas. Já era a convicção de que a sua vida profissional iria passar pelo sector apícola. Depois de ter trabalhado alguns anos como técnico apícola na Apilegre, em Portalegre, em 2009, viu aprovada a sua candidatura para instalação de jovem apicultor no âmbito do Proder, o que lhe permitiu montar toda a estrutura na Serra de São Mamede, Portalegre. «Enquanto técnico fui observando muitas explorações e vivendo a produção apícola, sempre com a convicção de que um dia teria a minha e apostaria na produção de mel biológico», conta João Guilherme Neto, que em 2014 deixou o emprego para se dedicar profissionalmente à apicultura. Se no início, eram 30 colmeias, atualmente o seu objetivo é manter 300 colmeias, embora seja difícil devido às ameaças sanitárias que originam oscilações no efetivo. A Varroose e a Loque Americana são as doenças com que este apicultor mais se tem debatido ao longo dos anos e, no caso, da Loque Americana a proximidade com Espanha ajuda a explicar a chegada desta doença a algumas regiões alentejanas. «Como estou perto da fronteira com Espanha e a apicultura dos nossos vizinhos é mais invasiva, com explorações de 1.000 ou 2.000 colmeias, verifica-se que esta doença já está presente em algumas zonas da minha região, onde anteriormente não existia».

O engenheiro zootécnico estava sensibilizado desde há muito para a apicultura em modo de produção biológico, embora a produção de mel biológico acarrete à partida mais dificuldades do que a produção de mel convencional. «Enquanto o apicultor convencional, por exemplo, no combate à Varroose, aplica umas tiras de plástico contendo o inseticida e, passado 6 semanas retira-as e fica o assunto encerrado, na apicultura biológica, aplico o Timol, um óleo essencial, uma vez por semana, em todas as colmeias durante 2 ou 3 semanas e, se for preciso, daí a 2 ou três meses ainda não tenho o problema resolvido. É mais difícil porque não estamos a utilizar princípios ativos químicos, que são mais eficazes, e também é mais dispendioso. Tem que se saber muito bem o que fazer», explica.

João Neto produz mel monofloral de rosmaninho comercializado pela Melbionisa

Mel biológico é mais valorizado

João Neto produz mel monofloral de rosmaninho e multifloral. Em 2016, ano de baixa produção, recolheu cerca de três mil toneladas de mel, comercializado através da Melbionisa. Esta associação é composta por 7 apicultores que, em conjunto, se ocupam da extração, embalamento e comercialização. A maior parte é vendida a granel no mercado interno e exportada para países como Angola, Alemanha e China. O mel biológico atinge uma valorização de cerca de 20% face ao mel convencional.

Serra de São Mamede, Portalegre

Este apicultor é da opinião que é na comercialização que estão os maiores desafios para o setor. «De fevereiro a junho não temos tempo para nada que não seja andar atrás das abelhas no campo. Não há disponibilidade para tratar de encomendas».

Quanto ao balanço que João Neto faz do seu trajeto, este «é positivo, mas não tão positivo como inicialmente projetei. Pensei que 7 anos depois de me ter instalado estivesse mais estável economicamente, e a explicação para tal não acontecer deve-se ao impacto das doenças. Tem que se gostar muito, é uma atividade mais pesada fisicamente do que parece».

Os seus próximos passos são selecionar, melhorar e estabilizar o efetivo, bem como assegurar a produção de mel de qualidade e em quantidade. A médio prazo, pensa apostar noutros produtos apícolas como o pólen e o pão de abelha e até fazer da multiplicação de enxames um negócio, mas «para já tenho que garantir que consigo viver da produção de mel biológico».

João Neto aproveita ainda para criticar o atual Programa Apícola Nacional. No seu entendimento, o programa deve criar condições que permitiam alavancar a apicultura profissional. Além disso, defende que exista uma distinção entre apicultura amadora, que é «muito importante», e a apicultura profissional. E alerta: «Enquanto apicultor e produtor de mel biológico não recebo qualquer ajuda. O setor apícola tem um papel vital para a preservação do ecossistema, ainda mais a produção biológica, e faz-me confusão que não haja qualquer ajuda. Se compararmos com as restantes atividades agrícolas a diferença é abismal».

Quanto a conselhos para futuros jovens apicultores, é da opinião que antes de avançarem para o projeto devem adquirir as próprias colmeias para acompanharem o ciclo de produção. «A apicultura profissional é um trabalho que ocupa todo o ano. Neste momento (outubro), estou a preparar as colmeias, os quadros para estarem aptos para a Primavera, porque depois não há tempo». O apicultor vê com bons olhos a chegada de jovens ao sector. «Tenho visto que nem todos os jovens se conseguem manter, mas os que ficam trazem uma nova mentalidade e ideias inovadoras, o que é extremamente positivo, porque o sector estava a ficar envelhecido».

reportagem

Polinização é mais rentável do que o mel

Em Odemira, há um apicultor profissional que se dedica ao serviço de polinização para a agricultura desde 1992. Amêndoa, laranja e framboesa são algumas das culturas da região que recorrem a este serviço, crucial para uma produção agrícola de qualidade e em quantidade.

As abelhas que estão num ambiente de agricultura intensiva têm uma vida útil mais curta

António Rosendo viu potencial na apicultura corria o ano de 1983 e, com o apoio de um amigo começou a trilhar o seu próprio caminho em Odemira, distrito de Beja, tornando-se apicultor profissional. Só que a produção de mel não lhe bastava e, em 1992, iniciou-se na prestação do serviço de polinização para a agricultura. «Li algumas coisas e comecei a fazer as minhas próprias experiências. O meu conhecimento vem das abelhas e das plantas que nos ensinam muito. Indicam-nos se o que estamos a fazer está bem ou mal», revela. Hoje, passados 24 anos, a polinização tem mais importância no seu negócio, do que a própria produção de mel. António Rosendo, em conjunto com o enteado, dispõe de um efetivo apícola entre as 850 e 1.300 colmeias, das quais apenas 250 dedicadas exclusivamente à produção de mel. A maioria das suas colmeias são alugadas por agricultores aquando do início da floração das diferentes culturas, de forma a que as abelhas, através do seu trabalho de recolha de néctar e pólen, fecundem as flores e assim, se maximize a produção de sementes e de frutos.

A polinização é crucial para o sector agrícola, uma vez que mais de 75% das espécies utilizadas pelo homem na produção agrícola de alimentos, dependem dela para uma produção de qualidade e em quantidade. Culturas como a amêndoa, a laranja, a abóbora e a framboesa são algumas das que recorrem atualmente ao serviço de polinização fornecido por António Rosendo. As colmeias permanecem nos terrenos agrícolas durante a floração de cada cultura. No caso da exploração de amêndoa com a qual trabalha, em cujo pomar estão instaladas três variedades de amendoeira, as colmeias permanecem em média um mês e uma semana. Já a framboesa tem um ciclo de floração de aproximadamente 60 dias.

António Rosendo explica que as colmeias «vão rodando por entre as várias explorações, sem que isso cause qualquer problema para as abelhas, até porque os períodos de floração são diferentes». E concretiza: «A floração da amendoeira é de fevereiro a março, da laranja de abril a junho, e da abóbora de maio a setembro».

O apicultor é testemunha do papel que a polinização tem na agricultura e no sucesso económico destas culturas. No caso da amendoeira, revela que após a polinização se observa «uma carga maior de frutos. É espetacular!». E apresenta outro exemplo. Conta que tinha junto a um dos seus apiários uma plantação de framboesas de um produtor holandês, onde as suas abelhas iam gratuitamente polinizar «e tudo corria bem com a produção, sem que as minhas abelhas tivessem o reconhecimento devido». Entretanto, esse produtor instalou uma nova plantação noutro local e, aquando da campanha, os frutos estavam todos deformados. «Aí chamou-me e disse que precisava das minhas abelhas e, graças a elas, voltou a ter frutos em condições. A partir desse momento, percebeu a importância da polinização».

No que diz respeito ao preço que a polinização atinge, António Rosendo não hesita: «Gosto muito deste serviço, o qual é mais rentável no imediato, do que a produção de mel, onde a recuperação do investimento é mais demorada. O meu preço por colmeia são € 0,50/dia, abaixo desse valor não se justifica prestar este serviço». E sem

esconder o negócio, avança os números de colmeias com as quais tem trabalhado regularmente na polinização: «600 colmeias para a amendoeira, 300 para a laranjeira, 150 para a framboesa e 150 para abóbora».

António Rosendo dispõe de um efetivo apícola entre as 850 e 1.300 colmeias, a maioria das quais são alugadas por agricultores

Assistência permanente no campo

António Rosendo considera que prestar o serviço de polinização não é uma atividade difícil, embora reconheça que é mais exigente que a produção de mel. «Os agricultores só alugam as colmeias. Tem que ser o apicultor a tratar de tudo. É preciso ser muito rigoroso, porque a flor não espera por ninguém». Inicialmente é necessário preparar as colmeias, calcular a quantidade necessária em função da cultura, da área, a idade de plantação e a própria idade das plantas. Depois de colocadas as colmeias no campo, é necessário um acompanhamento permanente, que no seu caso faz questão que seja semanal, para ver se tudo corre como o previsto ou se é necessária proceder a alguma alteração, daí que a partir de 40 km de distância da sede da sua exploração, recuse prestar o serviço. Entre o que pode correr mal, refere que, no caso da produção de framboesa em túnel, é preciso assegurar que as abelhas voam ao longo de todo o túnel para que a polinização seja eficaz, porque, por vezes, acontece sobrecarga de abelhas na ponta do túnel, não indo para o centro. Também os ventos fortes podem levar a uma elevada morte de abelhas, sendo necessário nesse caso a sua substituição.

Quanto a consequências da polinização para a produção do mel, o apicultor sublinha que não há diferenças no sabor e na cor do mel, tendo efetuado ao longo dos anos várias análises que o confirmam. No entanto, alerta que o serviço de polinização «tira capacidade» às abelhas para a produção do mel. E justifica: «as abelhas estão num ambiente de agricultura intensiva, sujeitas a produtos químicos». Como consequência, grande parte das abelhas mais velhas que tinham um tempo de vida de 5 a 6 semanas, morrem ao fim de 3 ou 4. Como para repor essas abelhas, a abelha rainha duplica o ritmo de postura de ovos, acaba por esgotar essa capacidade, passando o seu tempo de vida dos 4 anos para os dois ou mesmo menos.

Ainda assim, o apicultor produz mel monofloral de rosmaninho, laranjeira e também de medronheiro, que é comercializado no distrito de Beja e, cuja produção nesta campanha atingiu as 9 toneladas. Já quanto a conselhos aos apicultores interessados em apostar no serviço da polinização, António Rosendo avança que o principal «é ter em conta que o serviço tem que ser muito rigoroso, pelo que não interessa ter clientes a grandes distâncias, pois tal facto impossibilita que as colmeias tenham um acompanhamento permanente e rigoroso».

Apiário instalado na Boavista dos Pinheiros, concelho de Odemira

APICAVE
Associação de Apicultores
do Cávado e do Ave

APICAVE – Associação de Apicultores do Cávado e Ave
Praça do Condestável, Edi. Eiffel Loja 11 CV
4700-215 MAXIMINOS, BRAGA

Contactos
Telefone: 960451 290
e-mail: apicave.associacao@gmail.com

Equipa
Presidente: Alfredo Franclim Marques
Responsável Técnico: Tiago Moreira

Eng. Alfredo Franclim Marques – Presidente da APICAVE

Área de atuação da APICAVE

No final de 2013, um grupo de apicultores do distrito de Braga, conscientes das dificuldades crescentes que sentiam para desenvolver a sua atividade, as quais resultavam das condicionantes naturais, da falta de apoios, de carências ao nível da formação de base, das consequências das doenças e pragas que afetavam gravemente a vida das abelhas e que vinham a ser acrescidas pelos danos causados pela invasão da *Vespa velutina*, mobilizaram-se para a criação de uma organização que pudesse inverter o tradicional isolamento e falta de associativismo dos apicultores da Região, e que contando com a adesão, apoio e participação dos apicultores pudesse atuar de forma coordenada na defesa das abelhas, da apicultora e do meio ambiente.

Esta ideia materializou-se com a escritura pública de constituição da APICAVE - Associação de Apicultores do Cávado e do Ave, no dia 24 de janeiro de 2014.

De imediato, a APICAVE candidatou-se ao Programa Apícola Nacional 2014/2016, à data com 96 apicultores e cerca de 4.800 colmeias, tendo visto a sua candidatura aprovada somente para a medida 2A para 2014 e posteriormente também aprovada para a medida 1A para 2015 e 2016.

Foi assim possível satisfazer a preocupação do apoio sanitário e técnico aos seus associados, colmatar as carências ao nível da formação e da partilha de conhecimento entre todos, promover a apicultura na região e iniciar um processo de melhoria da prática apícola dos apicultores da região.

A invasão da *Vespa velutina*, que inicialmente constituiu um importante fator agregador dos apicultores, os quais procuravam formas comuns de lidar com as suas consequências e prejuízos, ocupa atualmente uma parte importante da atividade da associação, estando a atual equipa dirigente ativamente envolvida a nível nacional no seu Plano de Vigilância e Controlo. Ainda neste âmbito, a associação tem também colaborado de perto com os serviços municipais de Proteção Civil de todos os municípios da região, que solicitam o nosso apoio. Em conjunto com estes temos também desenvolvido equipamentos de destruição, que racionalizem e operacionalizem o combate e a destruição de ninhos.

Felizmente a dinâmica e envolvimento em torno da associação tem superado as expectativas, contando atualmente a APICAVE com cerca de 230 sócios efetivos, que detém cerca de 15.000 colmeias. Apesar de em franco crescimento,

o número médio de colmeias dos associados inscritos na candidatura ao PAN 2017-2019 ronda as 50.

Quais as principais características dos produtos apícolas da região?

Tal como já referido na descrição da área de influência da APICAVE, o território abrangido é muito vasto e com condições edafoclimática muito díspares.

Tendo a APICAVE sede no coração do Entre Douro e Minho, os nossos associados estendem a sua atividade apícola desde a franja costeira, até às serras do Gerês e da Cabreira. Estamos por isso perante uma grande diversidade de florações e condições de produção. Em quase todas as zonas a apicultura coabita de perto com uma agricultura de minifúndio, o que se por um lado cria alguns constrangimentos no que toca à disponibilidade de lugares para instalação dos apiários, mas permite disfrutar de uma grande variedade floral e com florações persistentes no tempo. Fruto da vasta distribuição e da grande diferença, quer de cotas, quer de características edafoclimáticas conseguimos ter na nossa área de influência 3 zonas distintas – litoral, zona de transição e montanha:

- O litoral está muito baseado na floração do Eucalipto e numa floração cada vez mais de Inverno e inicio de Primavera, sendo que em anos normais nesta região o mel produzido é claramente um monofloral de eucalipto, pois a produção nos restantes períodos do ano é residual. Poderemos considerar como Litoral a faixa ao longo do mar com cerca de 15 km e que compreende os concelhos de Esposende, Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Barcelos.

- Na zona de transição, cujo peso relativo é importante e crescente, é talvez aquela que apesar de tudo é mais constante em termos de produção, pois conjugam-se as florações características do litoral e ainda algumas de montanha. Também nesta zona o Eucalipto assume especial relevância floral, conjugando-se, no entanto, com a multiflora característica das zonas agrícolas. O Castanheiro tem assumido nos últimos anos um interesse crescente, conseguindo-se nalgumas zonas produzir méis quase monoflorais de castanheiro. Ainda nesta zona de transição e nos maciços xistosos dos concelhos de V. N. de Famalicão, Santo Tirso e Trofa, a forte presença de matos de urze permite também produzir méis monoflorais, os quais têm crescente aceitação pelo mercado, dada a sua suavidade, proporcionada pela existência de apenas uma variedade de urze.

- Nas zonas de Montanha do Parque da Peneda Gerês, Fafe e Cabeceiras e Mondim de Basto, produz-se um característico mel escuro, proveniente das variados matos de urzes, da vegetação espontânea e nalguns vales mais escarpados onde existem matos de de medronheiro. Nesta zona é produzido o característico Mel do Gerês. Esta área integra a zona de produção do Mel Terras Altas do Minho, DOP, que no entanto se encontra inativa.

Estamos perante uma zona de produção de méis claros que vão desde o suave e aromático (monofloral de eucalipto) aos méis escuros e muito intensos (mel de urzes e mel de montanha), todos eles muito característicos e impares no contexto nacional.

Com que desafios se depara atualmente a apicultura na região?

Até há cerca de 3 anos, a apicultura praticada nesta região não estava organizada e os apicultores trabalhavam isolados e geralmente com significativo desconhecimento das boas práticas apícolas. Atualmente, e fruto da criação e do trabalho da APICAVE e dos seus associados, o trabalho em conjunto começa a dar os seus frutos.

Desde o início da associação, que a assistência técnica e a monitorização do estado sanitário dos efetivos foi a principal preocupação. Com a colaboração e empenho de todos os apicultores, neste momento e salvo situações pontuais, estamos no bom caminho e a situação sanitária dos efetivos apresenta sensíveis melhorias, podendo considerar-se "controlada".

Como desafios já assumidos pela Direção da APICAVE, e que pensamos serem partilhados pelos nossos associados, destacamos a questão da racionalização e sustentabilidade da atividade e a questão da comercialização e valorização dos produtos apícolas da região.

No que concerne à sustentabilidade, também a região de inserção da APICAVE não passou ao lado do crescente interesse pela atividade, com o consequente aumento acelerado dos efetivos. No entanto, e tratando-se a nossa região de uma zona de minifúndio a disponibilidade de

locais para assentamento de colmeias com potencial apícola e que simultaneamente cumpram a legislação vigente, escasseia cada vez mais. Paralelamente, verificamos uma diminuição do potencial apícola de parte do território. Esta diminuição, abrupta nalgumas zonas, é consequência de sucessivos anos de incêndios florestais, sem que haja "*a posteriori*" uma recuperação dos cobertos vegetais nativos, acompanhado da crescente exploração florestal de forma massiva de eucalipto para corte, muitas vezes ainda em fase temporã e com replantio com variedades de crescimento rápido e de menor interesse apícola. Por isso, aconselhamos os nossos associados a tentarem uma ocupação racional do território e o ajuste dos encabeçamentos ao potencial apícola de cada zona, só assim sendo possível uma apicultura económica rentável e sustentada.

Outro desafio que se nos coloca, é o futuro da comercialização e valorização dos produtos apícolas produzidos pelos nossos associados. Até à data, e pelo facto de nos últimos anos a produção média por colmeia ter decrescido significativamente, mas também porque nos enquadramos numa zona com uma grande densidade populacional e com uma grande tradição de consumo de mel, a produção não tem sido suficiente para satisfazer o consumo local. Quase todo o mel produzido pelos nossos associados é comercializado diretamente por estes no mercado local. No entanto, temos consciência que muito há a fazer, no que respeita à criação de condições para a associação poder enveredar pela extração, embalamento e rotulagem do mel. Temos ainda o desafio de reativar a DOP Terras Altas do Minho.

Achamos que apesar de tudo que será ainda necessário mais um tempo para consolidação da apicultura na região, já que temos aumentos de efetivos recentes, mas que necessitam de tempo para estabilizar e ganhar consistência, para que no futuro possamos saber exatamente com que potencial de produção poderemos contar, para avançar com um projeto de monta ligado à extração e comercialização.

Temos ainda uma forte condicionante, que até à data ainda estamos a perceber até que ponto poderá pôr em causa no futuro a sustentabilidade da prática apícola nesta região – a Vespa velutina. Estamos no epicentro do problema, com custos muito elevados para manutenção das colónias durante o período de maior predação e para o potencial produtivo das colónias. A busca de soluções para mitigar e obviar às consequências desta praga no setor, tem merecido e continuarão a merecer um profundo empenho da APICAVE e dos seus associados.

O que perspetivam para a fileira apícola nacional nos próximos anos?

A fileira apícola tem nos últimos anos sofrido uma profunda remodelação, com o aparecimento de muita gente nova no sector. Está por isso numa fase em que necessitará de tirar partido deste crescimento e rejuvenescimento, mas ao mesmo tempo ganhar maturidade para que se possa consolidar como uma verdadeira fileira. Aspetos como um ordenamento apícola que permita garantir um máximo aproveitamento dos recursos endógenos de cada uma das zonas do país, tem de estar na base desta maturidade.

Por outro lado, a gestão sanitária do efetivo nacional como um todo, com o comprometimento e empenho de todos os intervenientes no sector – apicultores, associações, técnicos e serviços veterinários oficiais, será um imperativo futuro e que cada um tem de assumir como um desígnio em prole do desenvolvimento do sector.

Não podemos pensar mais na apicultura como uma atividade marginal e sem regras, assumindo de uma vez por todas, que estamos perante uma atividade pecuária, de interesse económico e que para além disso produz um conjunto de produtos de elevado valor, prestando ainda um importante serviço ao meio ambiente e biodiversidade.

O papel das associações tem de ser reforçado, tendo estas cada vez mais de passar a ser vistas como geradoras de mais-valias económicas e técnicas e não apenas como meio de obtenção de apoios financeiros, sob pena de a sua existência ser efémera e apenas ligada aos consecutivos Programas Apícolas Nacionais. Cada vez mais, os associados tem eles próprios de garantir autonomia e sustentabilidade das organizações.

É também urgente, se quisermos ter acesso aos mercados internacionais e valorizar efetivamente os produtos apícolas nacionais, a criação de uma verdadeira fileira, que congregue os esforços individuais de cada organização, no sentido de criar dimensão. Isolados somos ainda muito pequenos para ter competitividade, mas juntos sob a cúpula da marca "Portugal" poderemos levar longe a qualidade dos nossos produtos, que pelo modo de produção e especificidades florísticas podem vir a ser ainda mais valorizados e reconhecidos.

Associação Agrícola da Ilha Terceira (A.A.I.T.)
Cooperativa Agrícola da Ilha Terceira, CRL (C.A.I.T.)
Avenida Álvaro Martins Homem, 31
9700- 017 Angra do Heroísmo
Terceira, Açores

Contactos
Tel: 295 213 307 /295 214 161
Fax: 295 214 162
E-mail geral: aaitah@mail.telepac.pt
E-mail secção apícola: aait.apicultura@gmail.com
facebook.com/seccaoapicola

Equipa:
Presidente - José Azevedo (empresário agrícola – bovinicultura de leite)
Tesoureiro - Rui Sales (empresário agrícola – bovinicultura de leite)
Secretário - Francisco Ventura (empresário agrícola – bovinicultura de leite)
Eng.º Pedro Leal (funcionário e responsável pela execução das ações)
Eng.º Paulo Miranda (colaborador coordenador da secção apícola)

(da esquerda para a direita – Francisco Ventura, Rui Sales, José Azevedo, Pedro Leal, Paulo Miranda)

Principais atividades e serviços prestados

Assistência e aconselhamento técnico aos apicultores
Formação técnica regular
Registo da actividade apícola e declarações de existências
Elaboração de candidaturas
Reciclagem de cera
Parafinagem de colmeias
Extração, embalamento e venda de mel, dos cooperantes
Venda de material apícola
Promoção da apicultura e do consumo de mel junto de escolas e jardins de infância

Concelhos abrangidos

A Associação Agrícola da Ilha Terceira (AAIT) tem 41 anos de existência e é composta por 926 associados divididos por diversas secções. A Cooperativa Agrícola da Ilha Terceira, CRL, criada há 24 anos, comercializa os produtos dos associados. Em abril de 2010 foi criada a Secção Apícola, que conta com 40 apicultores associados, 500 colmeias e 67 apiários. A aposta na formação, com vista à maior capacitação dos apicultores e à uniformização de processos e procedimentos em termos de maneio, é prioritária. Em abril de 2016 foi licenciada uma melaria, que possibilita a concentração da produção. Em junho foi lançado pela primeira vez no mercado, o mel da Cooperativa com a marca Registada "O Nosso Mel, Para Si".

Contudo, maior desafio de 2016, para uma entidade como a nossa com um longo historial, mas com um tempo atuação no setor apícola muito curto (6 anos), foi a organização em conjunto com a FNAP, do XVII Fórum Nacional de Apicultura e a XV Feira Nacional do Mel, que muito nos honrou e nos deu alento para novos projetos.

Quais as principais características dos produtos apícolas da região?

Salvo outros produtos cuja produção é residual, o principal produto apícola é o Mel.

As condições edafo-climáticas dos Açores e mais particularmente da ilha Terceira, em conjunto com uma flora apícola diferenciada do resto do país, originam um mel de excelente qualidade e com características fortemente antibacterianas que o equiparam aos melhores do mundo, como comprovado pelos estudos realizados pela Universidade dos Açores.

Com que desafios se depara atualmente a apicultura na região?

De forma generalizada a todas as ilhas, o maior desafio com que a apicultura se depara, tem a ver, indiscu-tivelmente, com a sanidade. Ou seja, com a necessidade da criação e implementação de mecanismos e barreiras eficazes, que permitam a manutenção do excelente estatuto sanitário que ainda detemos. Mas tal, passa em primeira instância pela criação de uma Estratégia Regional para a Apicultura, cuja inexistência ao longo dos tempos tem sido, de alguma forma, colmatada pela perseverança, persistência e até mesmo resiliência, daqueles que veem a apicultura como uma atividade, cujo benefício se estende transversalmente a todo o setor agrícola.

A promoção do aumento do consumo Regional e local de mel, também constitui um desafio que importa enfrentar, face à entrada no comércio local, de "mel" de origem desconhecida e sem qualidade.

O que perspectiva para a fileira apícola nacional nos próximos anos?

Pensamos que alguns dos problemas que se tem vindo a verificar no setor irão continuar, enquanto não houver uma maior consciencialização do poder político e governativo para importância da apicultura, e em particular para as suas especificidades de região para região. Só assim poderão ser criados programas de apoio mais adequados às reais necessidades dos apicultores das diversas regiões.

A fraca cultura cooperativista e associativa que atualmente se verifica, é também um desafio que a fileira apícola terá que enfrentar e fazer por debelar, sob pena de nunca ter a necessária organização e dimensão, que permita uma valorização, sobretudo do produto mel, quer dentro de portas, quer na exportação.

Agenda

Concurso Nacional de Mel 2017
Concurso Nacional de Embalagens de Mel 2017
12 de maio de 201
Organização: FNAP – Federação Nacional dos Apicultores de Portugal
FNA – Feira Nacional da Agricultura

54ª Feira Nacional de Agricultura
10 a 18 junho 2017
Organização: CNEMA – Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas

Seminário Apicultura e Agricultura
Feira Nacional da Agricultura - Sala Scalabis
16 de junho de 2017
Organização: FNAP

IHC – International Honey Commission 2017 Meeting
Belek – Antalya, Turquia
25 a 28 de setembro de 2017 – Nova data
Organização: IHC

45º Congresso da APIMONDIA
Istambul, Turquia
29 de setembro a 4 de outubro de 2017
Organização: APIMONDIA e TAB

Propriedade
FNAP - Federação Nacional dos Apicultores de Portugal
Rua Mestre Lima de Freitas, nº 1
1549-012 LISBOA
Tel: 217 100 084

Coordenação Editorial
Nélia Silva | apinfo@fnap.pt

Design Gráfico
MI design | geral.miguelinacio@gmail.com